

**Palestra proferida por Luiza Lameirão**  
**no III Congresso Brasil de Pedagogia Waldorf, em 2011.**

Na atualidade, em nome das religiões as guerras acontecem; em nome das religiões há muita intolerância entre os povos, entre grupos e entre pessoas; tais fatos tornam desafiador o tema *Religião*. Igualmente desafiador é lidar com a realidade que exige de nós algo que está acima daquilo que a nossa vivência cotidiana nos proporciona. Baseado naquilo que as crianças nos ensinam imediatamente após o nascimento, quando ainda estão completamente vinculadas ao mundo de origem, precisamos inverter a nossa vivência usual. O corpo das crianças mostra essa ligação, essa religiosidade. Assim podemos desenvolver, diante da criança, a esperança no futuro. Do ponto de vista antropológico, no futuro os seres humanos chegarão a um desenvolvimento pleno. Nas palavras de Rudolf Steiner – “O Eu será de tal forma ao final da evolução da Terra, que levará o Cristo todo em si”.

Qual caminho teremos que percorrer para levar o Cristo em nós? O interessante é que, ao nascer, a criança mostra uma abertura imensa para o mundo, uma confiança irrestrita no mundo. Além da abertura e da confiança, ela também se exercita incansavelmente. Se, como adultos, fizéssemos com a nossa alma aquilo que a criança faz com o corpo, certamente teria de ser pela autoconsciência. A criança conquista tudo como filha dos deuses e não como filha de seres humanos, portanto, não o faz com autoconsciência. Mas o paradoxo existe: para as conquistas que a criança procura fazer, ela depende dos seres humanos que a rodeiam. E será que estamos à altura de sermos exemplos para ela?

Esse enigma, a capacidade imitativa da criança, só existe porque ela traz tal postura de sua vida pré-natal. Porque se dependesse de encontrar na Terra a confiança para imitar alguém, talvez ela não se entregasse tanto. E o mais bonito é que, apesar de ser tão desafiador, a criança ainda se entrega ao adulto educador. E essa qualidade de entrega que imita cada gesto, cada palavra, cada sentimento do educador mostra a religiosidade da criança. E é igualmente interessante que o exemplo a ser imitado necessita ser perceptível. Para a criança, o significado advém tanto daquilo que é perceptível sensorialmente quanto da qualidade do envolvimento da pessoa que está realizando suas ações diante dela. O sentimento que carrega a relação do adulto com a criança também é decisivo para o ato de imitar.

Seria muito significativo se percebêssemos que essa vivência que acontece em toda a primeira infância – e na qual podemos dizer que a criança está completamente entregue ao que vive nos membros – pouco a pouco se interioriza. E a primeira interiorização que o ser humano realiza é a transformação das percepções sensoriais

em imagens, imagens interiores. Após o educador da primeira infância cumprir seu papel com o gesto significativo, vem aquele professor que é capaz de, por meio de imagens narradas, falar com significado. Do ponto de vista curricular, nós temos a relação com todos os mitos solares.

O que é o Sol? O Sol é uma esfera luminosa lá do cosmos. Uma abstração? Não. O Sol é a casa de seres espirituais, assim como todas as estrelas, todos os corpos celestes. O grande ser solar que se vinculou à Terra realizou algo que nenhum outro ser espiritual o fez: deu a possibilidade de se viver os dois momentos mais intensos e mais misteriosos da vida humana, o nascimento e a morte. E ainda indicou para o ser humano a possibilidade de vencer a morte. Entretanto, não podemos relatar tudo isso dessa forma prosaica, mas temos de usar tudo aquilo que a humanidade vivenciou e colocou em seus contos, mitos e lendas para se aproximar de tal acontecimento.

Assim, alcançamos a possibilidade de refazer com a criança o processo no qual a consciência humana vai despertando, no decurso da história, daquilo que vivia no corpo, para aquilo que começa a interiorizar na alma. Nós podemos nos basear nesse legado que a humanidade nos deixou, mas nós também podemos gerar imagens a partir de nós mesmos, imagens que podem se transformar em belas narrativas. Para isso, os educadores necessitam estabelecer uma relação com o mundo externo, capaz inclusive de habitar seu mundo interior. Sabemos que aquilo que estudamos e aprendemos, assim como o que vivenciamos pode ganhar um caminho para dentro, por meio da vida dos sentimentos. A multiplicidade e a rapidez com que se alternam as impressões sensoriais, muitas vezes, é o que impede que aquilo que foi percebido possa viver dentro de nós como uma imagem interior fortalecida. Mas para que nós consigamos nos vincular pelo sentimento a algo que está na natureza, talvez exista um passo anterior: gerar imagens para as crianças. Essa é uma habilidade que exige do educador um fortalecimento para reter internamente o que percebe do mundo, o que conhece do mundo, o que vivencia deste mundo. Como é que nós somos capazes de relembrar o pôr-do-sol de ontem internamente? Como é que conseguimos pintar internamente esse pôr-do-sol numa imagem tão concreta de maneira a torná-lo mais vivo dentro de nós, mais intenso do que a vivência sensorial? Se pudermos reter essa imagem interior, ela há de nos fortalecer, assim seremos capazes de guardá-la; e se permanecermos nela, em nós brotarão sentimentos, o que nos torna capazes de gerar imagens.

O primeiro período do segundo setênio ainda vem muito permeado da força imitativa. A seguir temos dois anos curriculares, o 4º e o 5º ano, quando podemos dizer que vivemos no coração da infância. O primeiro portal do ensino religioso abre um caminho que a criança percorre até por volta dos nove, dez anos, enquanto vive como criatura entre criaturas. Como criaturas, todos nós, assim como toda a natureza,

somos filhos de um Pai, de um Deus-Pai, e esse Deus-Pai carrega todas as criaturas na sua enorme, poderosa mão protetora. Nesse âmbito somos todos irmãos.

Quando começa a diferenciação na relação com o mundo, a criança percebe-se diferente do outro e se distancia dessa vivência de sentir-se criatura entre criaturas. Nesse ponto da biografia humana, começamos a perceber que cada indivíduo, cada ser humano tem sua própria trajetória. A gratidão que nós podemos fazer crescer na criança, enquanto ela vive essa situação de criatura entre criaturas, precisa agora ser transformada em real interesse pelo mundo, que é o interesse pela natureza, pelo destino de cada povo, de cada ser humano. É quando deixamos o primeiro portal, no qual a criança se percebe parte integrante deste grande e poderoso fundamento dos mundos que é o Deus-Pai. Agora ela entra na esfera do Filho, como o Senhor do destino humano. O currículo oferece oportunidades para a criança vincular-se à diversidade do mundo externo, ao reino animal, ao reino vegetal, ao reino mineral e às estrelas.

Essa trajetória nos coloca agora no âmbito em que, somente porque houve um ocaso é que existe um sol nascente. Do ponto de vista da criança, o ocaso significa a interiorização das forças que atuaram no corpo, na primeira infância, como capacidade de aprendizado e que, posteriormente, não de tornar-se o pensar abstrato. Do ponto de vista da evolução da humanidade, o pensar se torna abstrato quando a humanidade percebe a morte. Numa etapa anterior, a humanidade ainda não tinha a percepção de que o nascimento é o início e a morte é o fim, mas estes eram, na verdade, marcos no decurso de um tempo vivenciado como muito maior do que uma vida humana terrena. A morte não tinha este significado de finitude que passou a ter.

A possibilidade de enxergar na morte uma nova vida só foi possível com a vinda do Cristo à Terra. Há vários livros de sabedoria que indicam um caminho para a humanidade, inclusive caminhos religiosos – que são muitos e eles são de fato congruentes com o Cristianismo. Porém, apenas o Cristo, como grande ser solar, vivenciou os dois grandes momentos da vida humana – nascimento e morte – e ainda a vitória sobre a morte; esse é um ato único de uma divindade.

Falar sobre isso com adolescentes não é uma tarefa simples, requer que o educador realmente se vincule a uma orientação que está acima daquilo que conseguimos alcançar com a consciência diurna. Essa consciência diurna que nos dá a percepção de sermos seres humanos únicos pode levar os adolescentes a assumir pontos de vista radicais acerca da realidade. E o debate perde a característica de diálogo. Para esta ampliação da consciência diurna, os pensamentos lúcidos devem se tornar ideais de vida. E como pensamentos se tornam ideais senão a partir do vínculo dos nossos sentimentos, das nossas intenções com a direção que o pensamento indica?

Desse ponto de vista, abordarmos biografias humanas com os alunos é de uma riqueza inigualável. Nós partimos daqueles seres humanos que se sobrepõem aos fatos; porque este ser humano pode tornar-se um indicador de caminho, ao ser capaz de sobrepor-se aos fatos. Mas na realidade também convivemos com algo que não é capaz de sobrepor-se aos fatos e está dentro de nós mesmos: fraquezas, comodismos, impedimentos. E quando nos deparamos com o fato de que a imagem por si só não basta, que já não é mais suficiente trazer uma grande imagem mitológica, um conto especial, uma epopeia, então significa que agora nós temos de ouvir as perguntas. Com quais perguntas os jovens seres humanos buscam colocar-se no mundo? Chegamos, assim, ao terceiro grande portal que é o portal da sabedoria ou do Deus Espírito Santo. E se nos voltarmos, no transcurso da trajetória do Deus na Terra, até a última festa, que é a festa de Pentecostes, constataremos que, na trajetória cristã, ela nos indica o caminho da pergunta. Pois aqueles que viram os discípulos e usaram seus pré-julgamentos disseram: “Estão cheios de vinho doce”, porém, aqueles que se colocaram com real abertura diante daquele novo fato, perguntaram a si próprios: “O que vem a ser isto?”

Observando o desenvolvimento da criança até a juventude, constatamos que os três grandes portais têm características específicas. Retomando o portal do Deus-Pai, onde o ato é decisivo, cada ato pleno de significado é, para a criança, direcionamento para as suas disposições individuais na vida terrena. A importância do ato evidencia a necessidade da vivência sensorial direta. O ato assim vivenciado se interioriza e torna-se capacidade de conviver, de acolher imagens. Esse segundo portal é o do Filho. Nele, tratamos do Cristo como Senhor do destino humano, por meio de imagens narradas. E por fim, o terceiro portal - o do Deus Espírito - no qual as biografias individuais é que evidenciam a trajetória humana, onde o grande herói pode ser todo e qualquer ser humano que se sobrepôs às adversidades de sua vida e conviveu com as perguntas cruciais acerca da vida humana. A trajetória de Parsifal é um exemplo lapidar desta situação, por isso é tema essencial para o jovem.

Tudo o que foi abordado é indispensável em qualquer atividade pedagógica, em qualquer âmbito do ensino, levando em consideração a faixa etária em que as três características referidas estão mais intensamente presentes. Assim sendo, será que ainda cabe uma aula específica para intensificar essas qualidades? Até mesmo Rudolf Steiner refletiu muito para introduzir as aulas de Ensino Religioso Cristão Livre, na primeira escola Waldorf.

Em minha própria vivência, foi impressionante – e isso se deu pela primeira vez quando eu fui substituir a professora de Religião em minha própria classe –, porque eu olhei para aquilo que acontecia na sala de aula e disse: “eu desconheço os meus alunos”. E eu já estava com eles há quatro anos. Era como se, naquele momento de real intimidade, quando nenhum conteúdo de fora é exigido, eles mostrassem uma

realidade que não aparecia na aula de época; e essa constatação me fez perguntar: “por que será?”, “o que será que está por trás disso”? Muitas vezes, nós tendemos a fazer coisas que não estão dentro da identidade da Pedagogia Waldorf, mas realizamos coisas a partir do que nos é exigido de fora. Na aula de Ensino Religioso, temos a oportunidade de levar a identidade até as últimas consequências, por isso é religioso. Essa foi a primeira resposta que eu encontrei em mim mesma. Entretanto, quanto mais eu me aprofundei nos conteúdos antroposóficos, e principalmente quanto mais eu me vinculei aos versos da Pedra Fundamental – agora não mais aqueles versos da primeira escola Waldorf, mas aos versos da Pedra Fundamental da fundação da segunda Sociedade Antroposófica –, mais encontrei neles os portais do Ensino Religioso. E o próprio Rudolf Steiner disse que toda aula de Religião tem por trás uma comunidade que a suporta. E para o Ensino Religioso Cristão Livre é na Antroposofia que encontramos o fundamento.

O próprio poema da Pedra Fundamental é constituído pelo mesmo caminho que a criança perfaz em sua trajetória. Enquanto a criança vive no ato, nós, como adultos, precisamos "exercitar o recordar do espírito".

E o que será praticar ou exercitar o recordar do espírito? É poder olhar de que maneira transcorreu o nosso dia, de que maneira transcorreu a nossa semana, de que maneira transcorreu o mês, o ano, a nossa vida. Mas se levarmos esse recordar até as últimas consequências, voltamos à origem divina do ser humano. Por sua vez, a origem divina do ser humano nos remete imediatamente à esfera do Deus-Pai e da atuação do Deus-Pai junto com todas as hierarquias, atuando das alturas e gerando ser nas profundezas. Apenas quando os nossos atos são direcionados a partir das alturas é que eles se tornam significativos. E na primeira infância, a criança vivencia nas profundezas de sua alma a sua origem divina.

Nós sabemos que corporeamente a criança chega à maturidade respiratória aos nove anos. E essa maturidade respiratória mostra que a vida humana exige, do ponto de vista da alma, uma vara de equilibrista, porque o equilíbrio da alma não é algo estável, e nem pode ser. Oscilamos nesse equilíbrio e porque perdemos o equilíbrio temos a possibilidade de recuperá-lo a cada vez de novo. E nisto a vivência se aprofunda, porque uma vez conquistado, se o equilíbrio permanecesse, ele viraria uma tradição. E na verdade o que importa é que se reconquiste cada vez novamente, e esse reconquistar cada vez de novo exige do professor essa flexibilidade, essa vivacidade que nos remete ao agraciamento. Se nos vincularmos aos ritmos cósmicos, a benção que vem do ritmo vitaliza a nossa alma a ponto de podermos trabalhar a partir da esfera do Cristo com os alunos.

E, por fim, o adolescente começa a vivenciar o âmbito corpóreo que está em repouso em cada ser humano. Mas como conquistar a quietude anímica? O repouso do corpo não garante a conquista da quietude. Em quietude, podemos nos aproximar

das metas divinas, das metas da evolução humana. E se com essa quietude nos aproximarmos dos jovens, também seremos capazes de conviver com perguntas que eles trazem e carregam em si, implorando por luz, por lucidez de resposta. Contudo, as respostas não podem vir de fora, elas vêm sempre do espaço interior que cada um de nós tem, e que o jovem começa a visitar com um pouco mais de consciência. E porque ele visita com um pouco mais de consciência, ele é extremamente perspicaz, sensível à incoerência dos adultos.

Essa incoerência dos adultos pode ser muito mais percebida pela criança pequena, no entanto, ela passa a ser entendida bem intensamente pelo jovem. Às vezes ele o expressa ferinamente, e nós somos acordados por essa consciência da nossa própria incoerência. Neste caso, nada substitui a possibilidade de um diálogo aberto para que possamos verdadeiramente acolher as perguntas desses jovens e também acolher as constatações que eles fazem de nossas próprias incoerências. E então estaremos diante daquela situação na qual muitas vezes, como educadores, nos sentimos impotentes.

A impotência, na verdade, é aquela que só pode surgir quando se percebe de maneira autêntica, dentro do espaço individual, único, que “sozinho eu não dou conta”; porque às vezes falamos “ai, estou aflito, não vou dar conta”, mas ainda não falamos com toda a autenticidade. Autêntico é quando a impotência é vivenciada com toda intimidade; essa é a porta de entrada para o mundo espiritual que vem em nosso auxílio. Então, se nos sentimos competentes, se achamos que realizamos tudo por conta própria, quem vai nos ajudar? Mas se nós, com toda autenticidade, nos colocarmos como impotentes, então somos continuadores daqueles que com uma potência máxima teceram o destino deste ser humano e cunharam o seu corpo.

Podemos ainda nos referir à 1ª Conferência do Ciclo *A Cultura Atual e a Educação Waldorf*, GA 307 – texto básico deste Congresso –, na qual Rudolf Steiner aborda *Ciência, Arte e Religião*, e mais um elemento: a moralidade. Embora ainda não tenhamos abordado esse tema em considerações anteriores, seria importante diferenciar religião de moralidade. Inicialmente, elas até aparentam ser sinônimas. Mas na trajetória da vida humana, moralidade não tem a mesma conotação, não é idêntica à religião.

Como é que a criança é formada? Ela não é formada apenas com a substância que recebeu de pai e mãe; é formada com tudo aquilo que todas as hierarquias celestes, junto com ela, urdem e tecem. Mas a colaboração humana decisiva na formação do corpo é a moralidade do ser humano na vida anterior. Essa moralidade se extingue na tarefa de moldar esse novo corpo. Quando um bebezinho nasce, aquele ser humano que está fazendo um esforço enorme para habitar o corpo com todo o seu grandioso ser anímico-espiritual vivencia uma grande contração para penetrar nessa casa tão pequena. Quando o ser humano nasce, ele está entregue às forças morais do

ambiente que o acolhe e então cresce. Assim, a tarefa desse primeiro educador e que será continuada por todos que o seguirem é o seu ato moral. Esta grande tarefa de todo educador passa pelo desafio de acessar toda a sua capacidade cognitiva plena de fantasia e agir conforme ele próprio se autodetermina. Se não somos donos de nossos próprios atos, de nossos próprios sentimentos e de nossos próprios pensamentos, não somos capazes de educar. Mas, quem de nós é capaz de tudo isso? Não nos sentimos capazes de tudo isso! Vale, assim, a possibilidade de nos orientarmos pelo norte que elegemos para caminhar. E se nosso caminho estiver direcionado deste ponto de vista, ele está direcionado em relação àquilo que podemos alcançar no transcurso da evolução. Então, ele estará direcionado ao próprio Cristo como representante da humanidade. Assim, faz sentido encerrarmos com a mesma frase que iniciamos: “O Eu será de tal forma ao final da evolução da Terra, que levará o Cristo todo em si”.